

Nota de Abertura

Psicologia, educação e ciências da educação

(Abertura do II Colóquio Psicologia e Educação — ISPA, 1986)

Quero em primeiro lugar agradecer a todos a presença aqui, nomeadamente todos os que se empenharam activamente na realização deste Colóquio, apresentando conferências representativas de alguns dos seus mais imediatos interesses, organizando mesas-redondas em que assuntos que parecem ser de grande actualidade poderão mais informalmente ser discutidos, e finalmente apresentando «posters» que sintetizam trabalhos que considerámos de grande qualidade.

É com grande satisfação que vimos entre nós académicos de grande reputação, ligados a outras instituições de ensino superior, o que mostra que a vontade de cooperar na construção de um terreno científico começa e sempre acaba por se sobrepor ao isolamento a que por vezes cada instituição parece estar condenada.

Por isso, para além do prazer que sempre temos em ouvir os nossos colegas com quem trabalhamos quotidianamente, é também com grande prazer que acolhemos neste Colóquio os Professores Bártolo de Paiva Campos, Odete Valente e Odete Santos, assim como os nossos amigos estrangeiros que regularmente nos vêm dando conhecimento das linhas de força dos seus trabalhos de investigação. Lamentamos a ausência do Professor J. Bairrão, que por motivos de saúde não poderá estar entre nós e dos Professores J. P. Bronckart, A.-N. Perret-Clermont e Augusto Palmonari cujos afazeres os retiveram nos seus países.

A acção comum para a construção de um referencial europeu nas matérias que nos ocupam, para a qual modestamente contribuímos, não seria também possível sem a criação desse essencial instrumento que é o European Journal of Psychology of Education que o ISPA se orgulha de publicar. Revista que congrega 49 universitários ou investigadores 'seniores' de mais de 20 países da Europa, ela poderá ser, mais do que um veículo para a simples transmissão de ideias, um agente de uma progressiva aproximação de problemáticas que têm estado porventura demasiado afastadas. Nomea-

damente entre aqueles que se preocupam mais com aspectos fundamentalistas das Ciências Psicológicas aplicadas à Educação, e aqueles que estão mais motivados para a intervenção directa no terreno, há lugar para uma urgente e mútua compreensão e valorização. É verdade que nem sempre os práticos e os teóricos de Acção realizam aproximações à realidade totalmente respeitadores dos cânones científicos dominantes, mas também é verdade que o respeito integral dessas mesmas exigências da ciência fundamental dificilmente pode conduzir a actos práticos com significado social.

A compreensão deste tipo de factos tem conduzido a por vezes pequenas mas persistentes modificações na Teoria Psicológica, e até a emergências metodológicas que há alguns anos poderiam parecer escandalosas na comunidade científica.

O estudo da representação social da inteligência, ou de Teorias implícitas do desenvolvimento e da educação, são exemplos de recentração das problemáticas, tal como a irrupção de dimensão social e comunitária nas preocupações de diversos psicólogos educacionais.

No plano do método, o recurso cada vez maior a metodologias do tipo clínico-experimental, ou a formas de identificação e resolução de problemas mais perto da dinâmica de investigação/acção, são também manifestações de modificações em curso que contribuirão decerto para a elevação do potencial heurístico das nossas formas de perceber e agir sobre a realidade.

No entanto estas modificações exigem, pela sua própria existência, um rejuvenescimento do questionar epistemológico em ordem a diminuir a relativa entropia que ainda subsiste em redor da Psicologia da Educação.

Este questionamento é tanto mais importante quanto a meu ver a Psicologia da Educação ocupa um lugar privilegiado no campo das Ciências da Educação. Esse lugar privilegiado deve-se ao facto de ela ter conseguido iniciar um movimento em que ao grande rigor de que dá provas, associa a capacidade de tomar efectivamente em conta os factores sociais presentes no processo educativo, assim como os factores institucionais, e de promover acções programadas sobre a esfera individual, grupal, social e comunitária, destinadas a facilitar o processo de desenvolvimento e de aquisição dos saberes indispensáveis ao processo adaptativo.

Esse lugar privilegiado deve-se também ao facto de a Psicologia da Educação estar na zona de intercruzamento de outros ramos do saber, como a Sociologia, a Psicologia Social, a Psicologia experimental, a Psicolinguística, Psicologia comunitária, a Antropologia, a análise de sistemas, etc.

A verdade contudo, é que os efeitos deste entrecruzamento ainda não foram meditados com a profundidade que merecem; essa meditação anuncia-se decerto num horizonte próximo. Dela apenas estão excluídos, sem dúvida, os processos reflexivos que desprezam ou ignoram as exigências de rigor e de independência que são a marca de toda a actividade científica.

Dessa reflexão resultarão decerto novas aproximações entre aspectos da investigação educacional que não têm tido a mútua fertilização que necessitam para o seu auto-crescimento. Teorias do processamento de informação e abordagens de inspiração psico-sociológica, conceptualizações dos processos representativos, teoria da representação social e análise de com-

portamentos pedagógicos, estudos de tipo metacognitivo e investigação do impacto de contextos, são de novo exemplos em que a mútua interrogação se torna necessária.

Da mesma maneira, ainda que quase impossível de alcançar completamente, a descompartimentalização de sectores é cada vez mais necessária e, paradoxalmente, mas só de forma aparente, a sofisticação das teorias parcelares vai de par com a tendência para a elaboração de teorias compreensivas e explicativas mais gerais.

Uma das maneiras de descompartimentalizar é a simples exposição de diversas problemáticas. É a técnica mais simples, e é normalmente a técnica utilizada nos colóquios.

Não é este Colóquio a isso excepção, e por isso mais do que a uniformidade preferimos a diversidade:

Interacção social e construção do conhecimento, formação, problemas dos jovens, nomeadamente grupos de alto-risco, aquisição da escrita, construção de identidade, linguagem, percepção e educação, factores metacognitivos de aprendizagem, educação e dinâmicas comunitárias, abandono escolar, são eixos presentes nas comunicações aqui apresentadas ao que achamos do maior interesse acrescentar a apresentação de perspectivas de Psicologia Educacional dominantes na chamada Europa de Leste, já porque elas têm o maior interesse intrínseco, já porque a aproximação entre tradições científicas ditas ocidentais e ditas de leste são um passo importante na construção de uma identidade europeia também na Psicologia da Educação.

Entendemos ainda ser vital, hoje, associar à sensibilidade porventura mais académica que orienta a elaboração de conferências, a sensibilidade mais pragmática, mas não menos rigorosa necessariamente, dos Projectos de intervenção educativa que, salvo erro, nos pareceram mais representativos daquilo que entre nós se faz nessa matéria.

Colóquio que aspira ser um Colóquio de exigência científica e de respostas honestas às solicitações pragmáticas, este será também, portanto, um Colóquio da diversidade e da acção.

Prova suficiente, se assim for, de que mais do que devaneios românticos — e porventura tão românticos quanto basicamente ignorantes e improdutivos — o que a Educação necessita e pode ter é de uma cada vez maior seriedade e responsabilidade nas formas de ser abordada.

FREDERICO PEREIRA